

Desenvolvimento e Identidade em Penedos (Mértola) – Metodologias de ação em territórios de baixa densidade.

Nome 1º autor

Pereira, Orlando Manuel Fonseca
Doutorando em Sociologia, Universidade de Évora, IIFA/CESNova-UNL;
orlando_pereira@sapo.pt

Nome 2º autor

Marques, António Pedro Sousa
Doutor em Sociologia, Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais,
Dept. de Sociologia / CESNova – UNL, apsmarques@uevora.pt

Sumário: *A presente comunicação insere-se no estudo que estamos a empreender na aldeia de Penedos, no concelho de Mértola, onde as questões da interioridade e abandono populacional, assumem particular relevo. Pretendendo-se encontrar reflexões contributivas de desenvolvimento local que possam preservar a identidade e memória desta comunidade rural. Para o efeito, aposta-se em metodologias de ação em territórios de baixa densidade, como seja a estratégia de atores e o Programa MACTOR de Michel Godet, com vista a que, a partir da participação dos atores locais e dos recursos ainda existentes, os resultados possam conduzir á sustentabilidade da aldeia.*

Palavras-chave: *Interioridade e abandono; Ruralidade; Identidade e Memória; Desenvolvimento Local; Estratégias de atores*

1. Enquadramento geral

1.1. Contextualização teórica

Neste momento estamos a estudar os problemas da interioridade e abandono populacional, designadamente na aldeia de Penedos com 125 habitantes que se situa na margem direita do rio Guadiana, freguesia de S. Miguel do Pinheiro e concelho de Mértola, no Baixo Alentejo, integrando-se num dos territórios mais despovoados e envelhecidos do País.

O trabalho de investigação tem como objeto de estudo as questões da identidade e da memória de uma aldeia alentejana, enquanto território de partilha de uma comunidade rural, tendo sempre em conta a participação estratégica dos atores locais.

Um dos objetivos centrais deste trabalho visa encontrar reflexões contributivas capazes preservar a identidade da aldeia e ao mesmo tempo encontrar conjuntamente com os atores locais territorializados, alternativas de desenvolvimento local, capazes de contrariar a tendência de despovoamento e empobrecimento destes territórios de muito baixa densidade.

O Alentejo viu as suas gentes partir nos meados do século passado e, a partir de então, a sangria populacional tornou-se imparável. O desenvolvimento industrial noutras zonas do País e a crise vivida na agricultura incentivaram o êxodo. Assim, o Alentejo “é a região com menor percentagem de jovens e a maior percentagem de idosos. Devido ao declínio da fecundidade, a evolução natural continuará a acentuar as mesmas características de 1980” (Nazareth, 1988:126).

O envelhecimento preocupa sociólogos, demógrafos, políticos e quase todos em geral, pois “para muitos é entendido como uma verdadeira ameaça ao futuro da sociedade: porque com ele, podem estar em causa, por exemplo, a “nossa” sobrevivência cultural...” (Rosa, 2012:80).

Hoje o Alentejo sofre as consequências do duplo envelhecimento populacional, isto é, os jovens e os idosos constituem grupos populacionais profundamente dependentes dos ativos.

Em traços gerais, o quadro do Portugal rural nas últimas décadas, “ desde meados do séc. XX, os campos do País entraram num processo de mudança traduzível... numa perda demográfica, retração do uso dos solos e desenvolvimento da atividade turística. Por outro lado, por volta de 1960 as freguesias rurais de Portugal

entraram num processo progressivo de perda demográfica que inverteu a tendência de crescimento contínuo que se vinha verificando desde os finais do Antigo Regime. Este decréscimo populacional deveu-se aos movimentos migratórios em direção as áreas mais industrializadas de Portugal, da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte e à consequente emergência da diminuição da taxa de crescimento demográfico negativa em que o número de óbitos é superior aos nascimentos. (Silva, 2008:6-7).

As últimas décadas mostram inequivocamente e de acordo com Carmina Cavaco “o progressivo despovoamento do mundo rural que levou ao abandono de lugares onde antes fermentou vida, conduziu ao desaparecer da parte essencial da memória da identidade Portuguesa. Os nossos dias viram morrer povoados que perduravam há séculos, assistiram ao arrastar de populações para a periferia suburbana, onde o sentimento de vizinhança e as suas solidariedades próprias se diluem, olharam, quase indiferentes o vazio do anonimato e do eremismo, (...). O caminho do desenvolvimento que revivifique essa parcela dormente do nosso país é um itinerário longo que partindo do conhecimento das causas e circunstâncias, desenvolva a estrutura microempresarial, ative os serviços de proximidade, cuide dos patrimónios construídos e ambientais” (citada em Correia, 2005:11).

A par do abandono rural populacional,” há consequências irreparáveis que importa reter. Pois se as pessoas desaparecem, desaparecendo consigo um manancial histórico de vivências geracionais que não se encontram fora do grupo de pertença. Deste modo, e de acordo com Inês Fonseca há um registo que não se deve deixar de considerar. Na sua obra sobre identidade e memória de Aljustrel (2007:11). Refere-se “De maneira plástica a identidade torna-se identificação, já não um estado, mas um processo, em que os atos de memória assentam numa maturidade de coisas e de locais conjugada com uma evanescência que ganhe perenidade pelas vias da linha do parentesco, da vizinhança, da amizade e da camaradagem...” (citado em Pereira & Marques, 2012a:11).

Considera-se que só através do estudo sobre os problemas que afetam o mundo rural, poderemos propor formas que possam contrariar a tendência que vai apagando do mapa português uma franja territorial/populacional tão importante para manter o equilíbrio dos nossos ecossistemas. Tentaremos por via de um modelo de

desenvolvimento local, apresentar algumas reflexões contributivas que ganhem formas alternativas. Mas, tudo isto só será possível se contarmos com a participação efetiva dos atores locais, os principais mentores e protagonistas em todo este processo de investigação.

1.2. Desenvolvimento e Identidade em Penedos (Mértola)

O Desenvolvimento pode ser considerado “ como um processo de natureza multidimensional, tendo o ser humano como preocupação central. Nele inscreve questões como a melhoria generalizada das condições de vida material das populações, de acesso aos meios que garantam o seu bem-estar (habitação, saúde, educação, segurança social, etc.), o progresso da igualdade de oportunidades, liberdades cívicas e políticas, a proteção do ambiente...” (Almeida et al, 1994, citado em Pereira, 2001:4).

Assim, este modelo de Desenvolvimento Local exige que se “identifiquem as potencialidades e os constrangimentos. Por outro lado, a procura de consensos entre atores é tarefa primordial para a elaboração e concretização e êxito das políticas locais” (Marques, 2006:121). Para o sucesso do modelo “o consenso deve ser uma condição essencial entre atores e instituições” (Arocena, 1986:51).

Importa ainda referir que este desenvolvimento “não será viável se não inscrever no processo as raízes identitárias do ser humano. É neste sentido que o desenvolvimento local se constitui como um desafio contemporâneo” (Arocena, 1997:12).

O modelo de desenvolvimento “ensaiado para os territórios de baixa densidade, em alternativa aos modelos tradicionais, assenta no paradigma territorialista em “que o desenvolvimento se alcança através da mobilização integral dos recursos das diferentes regiões para a satisfação prioritária das necessidades das respetivas populações” (Henriques, 1990: 51, citado em Pereira&Marques, 2012a:5) Este” paradigma radica numa base de decisão a partir das comunidades locais, cujo processo ocorre “de baixo para cima”, levando á promoção dos circuitos económicos e sociais geradores de desenvolvimento de nível local. A partir das potencialidades endógenas, feito por e para indivíduos que compõem a comunidade em estudo, organizadas territorialmente, em sintonia com os aspetos sociais, económicos, culturais e políticos existentes nesse território”(Ibidem:5).

Assim, o modelo de Desenvolvimento local proposto, exige que se “identifiquem as potencialidades e os constrangimentos. Por outro lado, a procura de consensos entre atores é tarefa primordial para a elaboração e concretização e êxito das políticas locais” (Marques: 2006:121) Para o sucesso do modelo “o consenso deve ser uma condição essencial entre atores e instituições” (Arocena, 1986:51).

Um outro aspeto, que importa salientar - “ o desenvolvimento local não pode ser pensado se não se inscrever numa racionalidade globalizante dos mercados e também não será viável se não inscrever no processo as raízes identitárias do ser humano. É neste sentido que o desenvolvimento local se constitui como um desafio contemporâneo”. (Arocena, 1997:12). Neste sentido e ainda seguindo a linha de raciocínio do autor “não será possível empreender processos de desenvolvimento local que não considerem a identidade como elemento mobilizador das iniciativas de um grupo. (Arocena:2002:11).

Um processo de desenvolvimento local obriga ao impulsionar a sociedade local “ para em conjunto com a diversidade dos atores institucionais que a integram, tomar posições em conjunto, traçar estratégias que fortaleçam a sua capacidade na solução dos problemas. (...). Implicando ações que possam fortalecer a capacidade das instituições e organizações locais por meio de programas de formação de líderes, criar condições apropriadas para a articulação entre atores ao nível regional e local, apoiar os atores sociais coletivos ao nível local, através de recursos técnicos e tecnológicos, a fim de que possam interagir no meio, garantindo a sustentabilidade e incentivar alianças locais sob um leque de oportunidades de iniciativas de desenvolvimento em que os recursos sejam disponibilizados e orientados para melhorar os serviços básicos, infraestruturas, geração de novas oportunidades de produção e educação voltada para o desenvolvimento da cidadania. (Tenório:2004, citado em Pereira & Marques, 2012b:7).

Depreende-se do que acima se evidencia, se as comunidade locais participarem ativamente nos seus próprios processos de desenvolvimento, será mais fácil garantir melhores condições de vida e sustentabilidade para as populações que ainda habitam nestes territórios despovoados, caso contrário, a identidade e memória correm sérios riscos de continuar a durar e perdurar no tempo da história dos povos.

Neste âmbito, só será possível contrariar a tendência vigente, se se apostar nas pessoas e nas potencialidades do território, tornando-os mais empreendedores e competitivos, sem descurar em nenhuma circunstância o seu impacto no mundo globalizado em que vivemos.

A partir daqui, importa evidenciar que o “desenvolvimento local está intrinsecamente ligado à estratégia de atores que por sua vez se articula com a sociologia de ação que “é uma sociologia de terreno, profundamente curiosa face ao diferente, minuciosa e assaz descritiva. Ao longo de todo o século XIX, o método de trabalho de campo vai-se elaborando e complexificando, sobretudo para responder às críticas de estadas curtas sobre os terrenos de observação que permitem apenas informações superficiais e ao facto daquelas se basearem em informações indiretas e duvidosas”(Guerra:2006:11, citado em Pereira & Marques, 2012b:7).

Para o efeito, seguiremos um conjunto de metodologias de terreno, onde a estratégia de atores ganha forte acuidade, sobretudo neste território de baixa densidade, conforme a seguir daremos nota.

2. Metodologias de ação em territórios de baixa densidade

Este trabalho de investigação, insere-se no âmbito da Sociologia da Ação, haverá uma profunda interação entre atores e investigador de modo a encontrarem soluções para os problemas já identificados.

A sociologia da ação, pode ser definida como “um processo no qual os investigadores e os atores conjuntamente investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato vivido pelos atores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer, num quadro ético mutuamente aceite” (Extrato de Alcides Monteiro 1988, citado em Guerra, Ibidem:52-53).

De acordo com Isabel Guerra, (Ibidem:53-54), a sociologia de ação, em traços gerais assume as seguintes características: É um processo continuado e não pontual, influenciando todo o processo de investigação; Implica que os grupos “objetos” do conhecimento se constituem como “sujeitos” do conhecimento; O seu ponto de partida não é uma teoria e um quadro de hipótese, mas uma situação, um problema, uma prática real e concreta; O objetivo não é fundamentalmente o aumento do

conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas, e, assim interessa mais o processo de mudança social exigido pela investigação-ação do que o resultado desta; o investigador não é um mero observador, mas um apoiante dos sujeitos implicados na ação”. (Ibidem:53-54). Ou seja, a interação é condição sine qua non necessária entre o investigador e os atores locais.

Atualmente, assiste-se, “a uma profunda alteração quer do campo de atuação, quer das metodologias de pesquisa-ação, sendo precursor desses movimentos, já na década de setenta, o desenvolvimento da “intervenção sociológica, sobretudo ao nível das empresas e organizações, exemplar em Alain Tourraine e Michel Crozier” (Ibidem:17). A sociologia de ação, pode ser definida como “um processo no qual os investigadores e os atores conjuntamente investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato vivido pelos atores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer, num quadro ético mutuamente aceite” (Extrato de Alcides Monteiro 1988, citado em Guerra, Ibidem:52-53).

O presente estudo incide sobre análises das dinâmicas de ação que se “baseiam em metodologias qualitativas, na medida em que o centro da atenção pretende identificar a lógica de atuação de atores, individuais e coletivos, as suas imagens mútuas, os seus conflitos e meios de ação. Estamos perante conceitos como identidades (sociais, locais, regionais); projetos (de vida, de desenvolvimento, de ação); conflitos, consensos, etc., que exigem um entendimento simultaneamente dos contextos e dos sentidos de ação” (Guerra, 2006:49).

Assim, este estudo de terreno, com grande incidência na sociologia da ação (e consequentemente na sociologia da intervenção territorial), sobretudo no que diz respeito à participação dos atores locais daí que os seus métodos deverão ser materializados “na prospetiva, cujas tendências e riscos de rutura, subverte o presente e interpela a Estratégia. Por seu lado a Estratégias interroga-se sobre as escolhas possíveis e os riscos irreversíveis, e refere-se desde os anos oitenta, aos cenários da Prospetiva como o testemunham, designadamente os trabalhos de Michael Porter. Desde o início dos anos oitenta que nos empenhamos em desenvolver sinergias potenciais entre a Prospetiva e a Estratégia. A síntese procurada deu origem a uma

metodologia integrada do planeamento estratégico com base nos cenários” (Godet & Durance. 2011: 22).

Convém atender no respeitante a este assunto Michel Godet, considera “um cenário é um conjunto formado pela descrição de uma situação futura e do encaminhamento dos acontecimentos que permitem passar da situação de origem a essa situação futura. A palavra cenário é frequentemente utilizada de forma abusiva para qualificar um qualquer jogo de hipóteses. Recordemos que as hipóteses de um cenário devem preencher simultaneamente cinco condições: pertinência, coerência, verosimilhança, importância e transparência. Distinguem-se de facto, dois grandes tipos de cenários: exploratórios que partem das tendências passadas e conduzem a futuros verosímeis e cenários normativos, ou de antecipação que são construídos a partir de imagens alternativas do futuro, podem ser desejados ou, temidos, pois são concebidos de forma retrospectiva. Na verdade estes cenários são contrastados ou tendências. Não existindo assim uma metodologia única em matéria de cenários, contudo, nos diferentes passos, deve-se identificar as variáveis, colocar as questões-chave para o futuro e reduzir a incerteza...” (Ibidem: 22-23).

Face ao que acima se refere, haverá uma incidência particular nos atores - chave. Deste modo, torna-se imprescindível “interrogar os atores sobre a sua visão de futuro é sempre revelador do seu comportamento estratégico e, mesmo que essa visão nos pareça errónea, há que tê-la em conta. Porque a representação da gama de futuros possíveis também depende da leitura do passado. De certa forma, o passado é tão múltiplo e incerto como o futuro. A história nunca é definitiva, está sempre em reconstrução. O facto é um só, mas a sua leitura é múltipla. Onde, a importância de abrir a imaginação a outras representações, tanto do passado, como do futuro” (Ibidem:22, citado em Pereira & Marques, 2012 a:8).

Quanto à instrumentação de recolha de dados: O Investigador na comunidade e o seu papel no terreno. Métodos e técnicas de recolha de dados: - Método Etnográfico/Histórias de vida; Observação/Observação participante e Inquérito Etnográfico. Quanto aos métodos e técnicas de análise de dados: recorreremos à Análise qualitativa, Interpretativa e Análise de conteúdo que é “é um método que segundo Bardin (1988) e Ghiglione & Matalon (1992), permite fazer inferências a

partir de uma identificação sistemática e objetiva das características específicas de uma determinada mensagem ou discurso” (Pereira, 2001:57).

Existem outros recursos metodológicos, não menos importantes neste estudo - são os documentos bibliográficos e filmatográficos fotográficos, arquivos, registos e recenseamentos.

Estes métodos, também designados de trabalho de campo, “quando bem sucedidos fornecem informação muito mais rica sobre a vida social do que a maioria de outros métodos de investigação. Dá ao investigador maior flexibilidade, este consegue adaptar-se a circunstâncias invulgares e seguir pistas que forem surgindo no processo da própria investigação. Também tem as suas limitações: só se podem estudar grupos ou pequenas comunidades, e a habilidade do investigador em ganhar a confiança da pessoas é fundamental, sem ela a investigação provavelmente nem sequer se inicia”.(Giddens,2002:642, citado em Pereira & Marques, 2012b:9)

Seguiremos o paradigma qualitativo (descritivo/interpretativo), com recurso à quantificação no que concerne à informação sobretudo fornecida pelos atores chave, através de e uma análise de um programa informático designado por MACTOR, de Michael Godet, cuja aplicabilidade será fundamental na determinação da estratégia de atores e respetivas relações de forças com o território e o que a ele diz respeito.

Desta forma, o MACTOR, “cujos objetivos subjacentes a este método, prendem-se com a análise das motivações, dos meios de ação dos atores, assim como procurar compreender as suas estratégias e relações de força, pelo que a metodologia a seguir no trabalho integrará as seguintes fase: identificação dos projetos e motivações de cada ator, constrangimentos e meios de ação; proceder à identificação dos desafios estratégicos e objetivos associados; posicionamento dos meios de ação e os obstáculos à concretização dos objetivos pelos diversos atores; posicionar cada ator em cada objetivo procedendo à identificação das convergências e divergências-matriz das posições simples; recensear e valorizar as táticas possíveis em função das hierarquias dos objetivos – matriz das posições valorizadas; a partir daqui procede-se à introdução dos dados iniciais do jogo de atores e seu tratamento informático-interpretação dos outputs do MACTOR” (Marques, 2006:216-219).

Assim, podemos dizer que estamos na presença de “uma pesquisa identitária aberta ao futuro que permitirá colocar em causa as representações do desenvolvimento e a propor soluções alternativas ” (Arocena, 1986:105). Deste modo, “os atores sociais são assim posicionados no sistema de ação local, podendo agir não só sobre as representações; como tendo a capacidade de poderem contribuir para a mudança da racionalidade do sistema. O ator social que esteja empenhado numa ação para o desenvolvimento, tende a modificar a sua posição no sistema local devido à renovação operada na sua capacidade de ação sobre a sociedade e sobre as novas relações no sistema local” (Marques, 2006:213-214).

No que concerne ao tratamento da informação resultante da estratégia de atores, isto é, após a aplicação das entrevistas, recorreremos ao programa estatístico MACATOR, “cujos objetivos subjacentes a este método, prendem-se com a análise das motivações, dos meios de ação dos atores, assim como procurar compreender as suas estratégias e relações de força, pelo que a metodologia a seguir no trabalho integrará as seguintes fase: identificação dos projetos e motivações de cada ator, constrangimentos e meios de ação; proceder à identificação dos desafios estratégicos e objetivos associados; posicionamento dos meios de ação e os obstáculos à concretização dos objetivos pelos diversos atores; posicionar cada ator em cada objetivo procedendo à identificação das convergências e divergências- matriz das posições simples; recensear e valorizar as táticas possíveis em função das hierarquias dos objetivos – matriz das posições valorizadas; a partir daqui procede-se à introdução dos dados iniciados pelo jogo de atores e seu tratamento informático- interpretação dos outputs do MACATOR”(Ibidem:216-219).

A partir do exposto, pode-se afirmar que é exetável a participação dos atores locais, conforme Tabela 1 abaixo, por forma-se a apresentar propostas alternativas de desenvolvimento local que garantam a sustentabilidade deste território de tão baixa densidade. Por outro lado, tratando-se de uma metodologia nova, pressupõe um afincado e insistente trabalho, com vista a garantir a esperança e a vida numa aldeia ameaçada por algumas “autoestradas” que conduzem a muitos lados, menos ao interior do Alentejo. Mas a metodologia em curso pode colocar de novo Penedos no mapa do Portugal Rural que se pretende vital.

Tabela I: Identificação dos atores locais

<i>Centro Popular dos Trabalhadores de Penedos</i>	<i>Presidente</i>
<i>Clube de Caçadores de Penedos</i>	<i>Presidente</i>
<i>Câmara Municipal de Mértola</i>	<i>Presidente</i>
<i>Junta de Freguesia de São Miguel do Pinheiro</i>	<i>Presidente</i>
<i>Agrupamento Escolar São Miguel do Pinheiro/Mértola</i>	<i>Diretora</i>
<i>Cooperativa Agrícola de Mértola</i>	<i>Presidente</i>
<i>Parque Natural do Vale do Guadiana</i>	<i>Diretor</i>
<i>ADPM- Associação de Defesa do Património de Mértola</i>	<i>Presidente</i>
<i>Individual (simbólico)</i>	<i>Antiga Professora Primária de Penedos – Senhora D. Maria do Carmo</i>
<i>Individual (simbólico)</i>	<i>Senhora D. Natércia Ramos</i>
<i>Individual (simbólico)</i>	<i>Senhor Jacinto Pereira</i>

2. Resultados esperados

Em função da componente metodológica exposta atrás, terá uma incidência particular nos atores - chave. Sendo necessário ter “uma visão global para a ação local, devendo cada um, ao seu nível, poder compreender o sentido das suas ações, isto é, ressitua-lo no projeto global em que se insere. A mobilização da inteligência é tanto mais eficaz quanto se inscreve no quadro de um projeto explícito e conhecido de todos. (Godet, 1993, citado em Pereira & Marques, 2012b:10).

Face ao exposto, torna-se imprescindível “interrogar os atores sobre a sua visão de futuro é sempre revelador do seu comportamento estratégico e, mesmo que essa visão nos pareça errónea, há que tê-la em conta. Porque a representação da gama de futuros possíveis também depende da leitura do passado. De certa forma, o passado é tão múltiplo e incerto como o futuro. A história nunca é definitiva, está sempre em reconstrução. O facto é um só, mas a sua leitura é múltipla. Donde, a importância de abrir a imaginação a outras representações, tanto do passado, como do futuro” (Ibidem:11).

Procura-se uma ampla participação dos atores locais, para que em conjunto possamos apresentar algumas reflexões e propostas portadoras de futuros possíveis de desenvolvimento territorial/local que possibilitem a continuidade das pessoas na sua terra, através da sua identidade e memória.

Os resultados e as propostas lamentavelmente, ainda não são conhecidos, pois só será possível apresentar este exercício após a aplicação das Entrevistas (vide Guião em Anexo) trabalho que está em curso, junto dos atores locais, através da utilização dos grupos de variáveis internas: sócio demográfico-económicas, físico-morfológicas e naturais, planeamento urbanístico e estratégico, bem estar, histórico-culturais, sistema de circulação e as variáveis externas: instrumentos políticos/financeiros, promocionais/marketing territoriais externas: sócio demográfico-económicas; individuais e institucionais, conducentes aos resultados e propostas contributivas para uma reflexão estratégica de desenvolvimento local para a aldeia de Penedos.

Desta forma pretendemos conhecer as perspetivas para o território a partir das suas potencialidades do ser e do saber fazer - cultura e tradições, artes, produtos locais, paisagem, natureza, recursos, património, turismo, entre outros elementos, com vista a projetar o território nos circuitos da glocalização, de modo a atrair pessoas e consequentemente, criar riqueza que garanta sustentabilidade de Penedos. Está também previsto a elaboração de um filme e a criação de um museu da memória e identidade.

Agradecimentos:

Queremos deixar expresso neste Congresso um agradecimento a todos os habitantes da aldeia de Penedos e em particular ao senhor Jacinto Pereira (pai do

primeiro autor) e às senhoras D. Natércia Ramos e D. Augusta Silva (já desaparecida, relativamente à qual aproveitamos a oportunidade para prestar à sua memória, esta justa homenagem). Sem esquecer todos os familiares e amigos que connosco acreditaram que Penedos e todas as aldeias do interior poderão continuar vivas, se os homens e as mulheres quiserem e deixarem.

Referências Bibliográficas

Arocena, J. (1986) Le développement par l'initiative locale – les cas français, Paris, Editions L'Harmattan

Arocena, José (1997) “Lo Global en la transición Contemporánea”, In Cuadernos del CLAEH, nº 78/79, 2ª SÉRIE, año 22, Montevideo: pp. 79/92

Arocena, José (2002) Desarrollo local: un desafío contemporáneo- “Cap.I Como definir desarrollo local?” 2º ed., Uruguai, Taurus - Universidad Católica. pp. 4/13...

Bardin, L. (1979) Análise de Conteúdo, Lisboa, Edições 70

Correia, E. P. (2005) Êxodo Rural e Desertificação Humana. A morte de uma Freguesia do Alentejo Central: São Bento da Ana Loura, Lisboa, Edições Colibri

Esteves, A. J., & Azevedo, J. (1998) Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto sociológico

Fonseca, Inês (2007) Trabalho, Identidade e Memórias em Aljustrel – “Levávamos a foice logo p'ra mina”, 1 ed., Castro Verde, Editora 100 Luz

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992) O Inquérito. Teoria e Prática, Oeiras: Celta Editores

Giddens, A. (2002) Sociologia, 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Godet, Michel (1993) Manual de Prospectiva Estratégica, 1ª ed., Lisboa: Dom Quixote

Godet, M., & Durance, P. (2011) A Prospectiva Estratégica para as Empresas e os Territórios, E.U.A.: Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura

Guerra, I. C. (2006) *Fundamentos e Processo de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*, 2ª ed., Cascais, Editora Principia, Publicações Universitárias e Científica

Henriques, J. M. (1990) *Municípios e Desenvolvimento - Caminhos Possíveis*; Lisboa, Escher Publicações

Marques, A. P. S. (2006) *Actores, Estratégias e Desenvolvimento Local. Conflitos e Consensos no Município de Palmela no Limiar do Século XXI*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora (policopiado)

Nazareth, J. M. (1988) *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença

Pereira, O. (2001), *O Papel da Formação no Desenvolvimento Local/Municipal: O Caso Particular do Pólo do CEFA em Beja*, Coimbra: Carvalho & Simões

Pereira, Orlando & Marques A.P.S. (2012a), *Reflexões estratégicas de desenvolvimento local no contexto da preservação da identidade de Penedos (Mértola)*. VII Congresso Português de Sociologia, Porto, Junho de 2012.

Pereira, Orlando & Marques A.P.S. (2012b), *"Estratégias de desenvolvimento local face ao abandono populacional – que desafios e que futuros para Penedos (Mértola)?"* II Congresso Internacional de verão da Escola de Ciências Sociais, "Cooperação, Território e Rede de Atores: Olhares de Futuro, Universidade de Évora, 7 e 8 de setembro 2012.

Perestrelo, M. (2000) *"Prospectiva: Planeamento Estratégico e Avaliação"* in *Revista Territórios Alternativos* nº 2, Lisboa: INESLA

Perestrelo, M. (coord), Moura, D., & Amor, T. (2000) *"Análise da Estratégia de actores na Zona Oeste. Intervenções, conflitos e consensos"* in *Revista Territórios Alternativos*, nº 2, INESLA

Rosa, Maria João Valente (2012), *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*, 1ª ed., Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

Silva Luís (2008) “Contributos para o estudo da pós-ruralidade in Arquivos da Memória, obras outro país – novos olhares, terrenos clássicos nº4 (nova série), Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa

Anexo

Entrevista (Guião):

Pedia-lhe que especificasse a sua opinião ou da sua instituição acerca das seguintes questões:

- 1. O facto de Penedos ter uma população duplamente envelhecida (mais velhos e poucos jovens) contribuirá decisivamente para impedir o desenvolvimento do território? Porquê?*
- 2. Que acha das políticas seguidas nas últimas décadas, quer pelo governo, quer pelo poder local face ao abandono territorial?*
- 3. Comente esta frase “ só será possível empreender um verdadeiro processo de desenvolvimento, se se apostar nas potencialidades existentes ou em potência no território, contando sempre com as pessoas”.*
- 4. Atualmente a população ativa de Penedos trabalha fora, porque não existe agricultura, comércio ou outros serviços capazes de reter as pessoas. Que acha que poderia ser feito para alterar este quadro.*
- 5. É sabido que as terras que outrora tiveram uma ocupação plena, dando trabalho e produtos, hoje estão abandonadas, ou têm sido (algumas delas) aproveitadas para projetos de reflorestação ou para a atividade cinegética. Concorda com estas práticas. Porquê?*

6. *Os recursos e os saberes existentes no território poderiam contribuir para criar condições económicas capazes de atrair investidores e consequentemente pessoas? Em que medida?*
7. *Que setores de atividade poderiam proliferar no território, tendo em conta as potencialidades? Isto é, que tipo de empresas ou negócios?*
8. *Penedos está num nó de interseção entre o Alentejo e o Algarve, próximo do Guadiana e de Espanha, Andaluzia. Como se poderá tirar vantagens dessa situação geográfica.*
9. *Se houver uma aposta nos produtos locais no turismo, na cultura, na paisagem com recurso a fundos comunitários para a concretização de alguns projetos, acredita que esta aldeia pode atrair investidores e garantir a sua sustentabilidade no futuro?*
10. *Acha que o município de Mértola tem tido uma política ativa no combate ao despovoamento e promoção do desenvolvimento? Com que medidas?*
11. *Que papel tem a Junta de Freguesia em todo o processo de abandono da aldeia?*
12. *O Interior do país, o Alentejo e Penedos sofrem de um problema transversal, encetado há mais de 50 anos, criando sérios problemas quer para os campos, quer para as cidades. Como pensa que o Governo/Estado podia ajudar a resolver esta assimetria tão profunda e desgastante para o processo de desenvolvimento, sobretudo em territórios de baixa densidade, como é o nosso caso.*
13. *Uma vez que aldeia se situa na faixa piritosa ibérica, e tendo por base a descoberta recente de jazigas de cobre e volfrâmio, poderá ser uma fileira de futuro, ou vai entrar em contradição com a defesa da tese de modelos de desenvolvimento alternativo para as aldeias (ecológicas).*
14. *Concordaria com a instalação de algumas unidades industriais ecológicas? Que tipos e dimensões industriais acharia aceitável?*

15. *Pensa que a qualificação dos recursos humanos será um elemento primordial na promoção de um qualquer tipo de desenvolvimento?*
16. *Acha que se houver uma política de incentivos para territórios de baixa densidade, os investidores optam por este território, mesmo sabendo que não há mão de obra qualificada? O que pensa que poderia acontecer?*
17. *Sabe qual é o papel dos Planos Municipais de Ordenamento do território?*
18. *Uma vez que a agricultura aqui é praticamente inexistente, o modelo de desenvolvimento desejado para Penedos, deveria contar essencialmente com a especialização ou a diversificação. Porquê?*
19. *Os concelhos de Mértola e Alcoutim situam-se no Parque Natural do Vale do Guadiana, tal facto poderá contribuir para o alargamento da oferta das suas potencialidades?*
20. *O que pensa que poderá ser feito ao nível turístico neste território?*
21. *Quanto aos aspetos culturais - tradições orais, festas, ritos e outras formas de expressividade o que acha que deveria ser feito para preservar a memória e garantir a identidade da aldeia?*
22. *Recorda-se ou tem conhecimento da realização de um filme/documentário sobre Penedos, em 1969 sob condução de Fialho Gouveia, com patrocínio da RTP1, no âmbito de um Programa da então Junta de Colonização Interna.*

Fale desse acontecimento, se o retrato era fiel, se correspondia á verdade. Sabe o que foi a Junta de Colonização Interna? Se conhecia as razões do projeto. Se havia interesses políticos? O que foi cumprido e o que não foi e as razões desse incumprimento. Quais as entidades e pessoas mais envolvidas e porquê. Se as propostas previstas tivessem chegado ao fim o que teria realmente acontecido a Penedos, 40 anos depois. Concorde com a realização de um livro e de novo documentário, com vista a sublinhar a memória e identidade de um povo, e até com um museu onde se guarde esse espólio? Acredita que estes poderão contribuir para promover a terra e reduzir o abandono das aldeias.

- 23.** *Em que medida as acessibilidades rodoviárias e aeroportuárias (dista a 75 km de Beja e Faro) podem melhorar o nível e qualidade de vida destas pessoas?*
- 24.** *O encerramento de escolas, infantários, distribuição de correio, encerramento de extensão de Saúde, Centro de Saúde de Mértola só funcionando de dia, redução de dias semanais de carreiras para a sede de concelho (2 dias por semana fora do período de aulas), redução de efetivos da GNR e esvaziamento de todos os serviços públicos. Insuficientes serviços de apoio à terceira idade que compõe a maioria da população. Comente a situação exposta e que alternativas gostava que fossem implementadas.*
- 25.** *Conhece instrumentos de planeamento estratégicos par a região do Alentejo que contemple os territórios pouco povoados e envelhecidos?*
- 26.** *Em que medida os anteriores Quadros Comunitários e o atual QREN (Quadro de Referência estratégica Nacional) trouxeram benefícios para as aldeias do interior e Penedos em particular.*
- 27.** *Como gostava que fosse Penedos no futuro, tendo em consideração que na sua qualidade de ator interveniente pode contribuir par alterar o status quo atual.*